



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

GESSY SOUSA DOS SANTOS

**UMA CUMBUCA CHEIA DE SABERES: A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO AS
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

Castanhal-PARÁ

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237c Santos, Gessy Sousa dos.
UMA CÚMBUCA CHEIA DE SABERES : A
ALIMENTAÇÃO SEGUNDO AS CRIANÇAS DOS ANOS
INICIAIS / Gessy Sousa dos Santos. — 2023.
32 f.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Débora Alfaia da Cunha
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Faculdade de
Pedagogia, Castanhal, 2023.

1. Saberes. 2. Sociologia da Infância. 3. Alimentação. I.
Título.

CDD 370

GESSY SOUSA DOS SANTOS

**UMA CUMBUCA CHEIA DE SABERES: A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO AS
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia (FAPED) da Universidade Federal do Pará (UFPA/CCAST) como requisito para obtenção do grau de licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Profª Dra. Débora Alfaia da Cunha

Castanhal-PARÁ

2023

GESSY SOUSA DOS SANTOS

**UMA CUMBUCA CHEIA DE SABERES: A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO AS
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de
Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da
Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do
título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Débora Alfaia da Cunha
UFPA/FAPED/CCAST

Prof^a Ma. Wanessa Nogueira Silva
UFPA/FAPED/CCAST

Prof. Dr Carlos José Trindade da Rocha
UFPA/PPGEAA/SEDUC

Dedico este a minha mãe, irmãs, marido, a todas as crianças que contribuíram e fazem parte desta trabalho e a Deus por até aqui ter me amparado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por até aqui ter me sustentado, não me deixando desistir no meio do percurso. Agradeço à minha família por todo o apoio, em especial à minha mãe Jacirene - sempre esteve comigo e me ajudou em todos os momentos, minha irmã Jessica – que me ajudou inúmeras vezes financeiramente ao longo da graduação, minha irmã Jamile – pelos papos legais e as briguinhas, ao meu irmão Felipe – a pessoa mais engraçada que já vi na vida e ao Jaylson Araújo (meu Amigo, meu Esposo, meu Amor).

Agradeço com profunda gratidão a todos os docentes que fizeram parte desta jornada acadêmica. Agradeço pela dedicação e empenho em compartilhar conhecimento, moldando meu percurso acadêmico e contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha orientadora, Prof^ª Debora Alfaia, não tenho palavras para lhe agradecer por querer estar ao meu lado nesta jornada. Sou grata pela qualidade das suas aulas, pelas orientações, conversas e brincadeiras que tornaram este caminho mais leve e enriquecedor.

Não posso deixar de mencionar e agradecer a todos os discentes que, como eu, trilharam esse caminho acadêmico. Agradeço às minhas amigas e companheiras de trabalho na graduação, Luciana Furtado, Maricélia Nascimento, Beatriz Ataíde e Larissa Cunha, o quarteto que não deixou minha vivência acadêmica ser solitária. Juntos, enfrentamos desafios, compartilhamos aprendizados e construímos memórias que levo comigo com carinho. Ademais agradeço a profa. Albertina que contribuiu para minha formação e maturidade como professora da Educação Básica, levo seus ensinamentos em meu peito e em minhas práticas pedagógicas.

Por fim, estendo meus agradecimentos aos técnicos que desempenharam um papel fundamental no meu percurso acadêmico. Sua dedicação e trabalho foram essenciais para o funcionamento da instituição e para a minha experiência como estudante.

Agradeço também à UFPA – Campus Castanhal, que agora faz parte de mim. Esta instituição foi o palco onde vivi momentos inesquecíveis, adquiri conhecimento e cresci como pessoa. Sou grata por ter feito parte desta comunidade acadêmica que deixou uma marca indelével em minha jornada.

No livro “Perguntaram-me se acredito em Deus” de Rubem Alves, ele diz que tudo o que vive é pulsação do sagrado. As aves dos céus, os lírios dos campos... Até o mais insignificante grilo, no seu cri-cri rítmico, é uma música do Grande Mistério. Pois que assim consigamos valorizar as crianças em seu sagrado, as atribuindo seu devido valor e esplendor.

RESUMO

Este artigo deriva de uma pesquisa realizada com crianças do 3º e 4º ano dos Anos Iniciais de uma escola pública na periferia de Castanhal/PA, centrando-se na temática da alimentação. Possuindo o objetivo de fornecer visibilidade aos saberes das crianças sobre a temática da alimentação. A fundamentação teórica segue as contribuições da Sociologia da Infância, com sua ênfase no protagonismo das crianças. O artigo adota uma abordagem qualitativa, configurando-se como pesquisa exploratória, realizada por meio de rodas de conversa, registro das aulas em diário de campo, contação de histórias com produção de desenhos e cartas. Nos resultados observamos os aspectos da influência da indústria alimentícia nas falas das crianças quando elas indicam os nomes das marcas dos produtos que consomem como, Todinho, Orion e outros. As falas das crianças também apontaram certas evidências da normatização de falas violentas durante as refeições, entre outros. Desse modo, concluímos que as crianças apresentaram seus saberes sobre alimentação correlacionando informações que foram adquiridas no contexto escolar com suas vivências pessoais e com os diálogos estabelecidos entre os próprios alunos durante a pesquisa.

Palavras- chave: Saberes. Sociologia da Infância. Alimentação.

ABSTRACT

This article derives from research carried out with children in the 3rd and 4th years of the Early Years of a public school on the outskirts of Castanhal/PA, focusing on the theme of food. Having the objective of providing visibility to children's knowledge on the topic of food. The theoretical foundation follows the contributions of the Sociology of Childhood, with its emphasis on the protagonism of children. The article adopts a qualitative approach, configuring itself as exploratory research, carried out through conversation circles, recording classes in a field diary, storytelling with the production of drawings and letters. In the results, we observed aspects of the influence of the food industry on children's statements when they indicate the brand names of the products they consume, such as Todinho, Orion and others. The children's statements also showed certain evidence of the normalization of violent speeches during meals, among others. Therefore, we conclude that the children presented their knowledge about food by correlating information that was acquired in the school context with their personal experiences and with the dialogues established between the students themselves during the research.

Keywords: Knowledge. Sociology of Childhood. Food.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PROJETO CEA E ALIMENTAÇÃO	10
3. ITINERÁRIO METODOLÓGICO	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
a) “Vou desenhar uma salsicha, salsicha é saudável!”: entrevista semiestruturada.	13
b) Desenhando as refeições.....	18
c) Livro Amanda no país das vitaminas: desenhos e cartas	22
d) Livro a Rita encolheu, e agora?.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Este artigo deriva de uma pesquisa realizada com crianças do 3º e 4º ano dos Anos Iniciais de uma escola pública na periferia de Castanhal/PA, centrando-se na temática da alimentação. Possuindo o objetivo de fornecer visibilidade aos saberes das crianças sobre a temática da alimentação.

A pesquisa foi desenvolvida dentro do projeto de hora atividade municipal "Cidadania e Educação Ambiental - CEA". O projeto CEA busca "propiciar a problematização de temas que possam incentivar ações integradas, voltadas para a realidade dos estudantes, de maneira contextualizada, interdisciplinar e transversal" (Castanhal, 2017). Com uma carga horária de 20 horas, sendo organizado em duas aulas semanais de 45 minutos cada, por turma, pode ser desenvolvido por graduandos em pedagogia.

A pesquisa, ancorou-se no olhar teórico da Sociologia da Infância (SI), em razão de considerar as crianças como sujeitos de direitos que possuem voz e necessitam ser escutadas e reconhecidas como elementos essenciais na construção do conhecimento da sociedade. Assim, a Sociologia da Infância configura-se como uma vertente sociológica dedicada ao estudo da criança e da infância, abrangendo suas experiências sociais e sua posição na estrutura social.

A SI busca compreender as crianças não apenas como objetos de estudo, mas como sujeitos ativos, agentes sociais e autores detentores de direitos próprios. Essa abordagem considera seus saberes e contribuições nas interações sociais com a sociedade, conforme destacado por Corsaro (2003; 2009; 2011), Qvortrup (2010), e Sarmiento (2004; 2005; 2008).

Dentre os enfoques adotados, ressalta-se a ideia de que "as relações sociais e as culturas das crianças são válidas por si mesmas, independentemente da perspectiva e das preocupações dos adultos" (Prout e James, 2015, p. 8, tradução nossa). Sarmiento (2005) esclarece que:

A sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto a sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social. (SARMENTO, 2005, p. 12).

Assim, respaldados pela SI, colaboraremos de maneira conjunta para promover uma compreensão mais abrangente dos saberes das crianças sobre a temática da alimentação. Este artigo apresenta um potencial enriquecedor para o campo acadêmico, contribuindo significativamente para os estudos que buscam garantir que os saberes das crianças sejam devidamente considerados no âmbito educacional, acadêmico e na sociedade em geral.

Reforçamos que não buscamos apresentar novas descobertas ou conceitos a partir das falas, escritas, desenhos, atitudes ou narrativas das crianças. Nosso propósito é dar destaque aos seus saberes e falas, respeitando suas individualidades e formas de comunicação, conforme preconiza a corrente teórica da Sociologia da Infância.

O artigo se divide em 4 momentos. Inicialmente, abordamos o tema da alimentação e o projeto cidadania e educação ambiental como espaço no qual a pesquisa se desenvolveu. Em seguida, delineamos o percurso metodológico que norteou a pesquisa. Prosseguindo, apresentamos os resultados e discussões, os quais apresentam as falas, desenhos e saberes das crianças pesquisadas e algumas conversações. Por fim, apresentamos as considerações e reflexões finais da pesquisa.

2. PROJETO CEA E ALIMENTAÇÃO

A pesquisa ocorreu em uma escola municipal na periferia da cidade de Castanhal/PA, por intermédio do projeto de hora atividade “Cidadania e Educação Ambiental”. O projeto Cidadania e Educação Ambiental está alinhado com as Diretrizes Políticas e Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Castanhal, sendo categorizado como um projeto de hora atividade. Sua introdução nas escolas municipais teve início em 2017, respaldado pela Constituição Federal de 1988, especialmente no inciso VI do § 1º do artigo 225, e pela Lei nº 9.795/1999.

Aqui abrimos um parêntese para esclarecer ao leitor que, é essencial que a Educação Ambiental não se limite às conformidades das leis ou diretrizes. No contexto municipal em questão, o projeto Cidadania e Educação Ambiental surge como uma alternativa para cumprir a hora atividade dos professores regentes, conforme estabelecido pela portaria 022/2018- GS/SEMED/PMC (Castanhal, 2018).

Por mais relevante que seja a temática ambiental, há críticas da comunidade escolar de Castanhal sobre esse projeto, pois sua criação estaria mais relacionada à

regularização da hora atividade dos professores do que a uma preocupação autêntica com o meio ambiente ou a conscientização ambiental da comunidade escolar, se constituindo em uma solução “tapa-buraco” na grade curricular. Diante disso, ressaltamos que a Educação Ambiental não deve ser encarada como um tema efêmero ou de pouca importância no currículo escolar e no planejamento pedagógico. As questões ambientais são impreteríveis, urgentes e essenciais em todos os níveis de ensino, fecha parêntese.

Os temas presentes no projeto Cidadania e Educação Ambiental, abrange diversas áreas de conhecimento, como a "relação do trabalho e consumo no campo familiar, ambiental, social e de tecnologias [...]; saúde e qualidade de vida", entre outras (Castanhal, 2017). Desse modo, buscando promover reflexões sobre os temas da cidadania e ambientais nos contextos tecnológicos, familiares, econômicos, saudáveis e sustentáveis (Castanhal, 2017).

O projeto é complementado com Unidades Temáticas que orientam a prática pedagógica, sendo estas: "1. Sustentabilidade dos Espaços Físicos das Escolas, da família e comunidade. 2. Trabalho e Consumo sustentável de recursos naturais e tecnológicos. 3. Educação Ambiental e saúde. 4. Direitos humanos e escolas sustentáveis" (Castanhal, 2017). Assim, a pesquisa sobre alimentação é conduzida dentro de uma das unidades temáticas e no período de aulas do projeto.

E foi a partir da Unidade Temática "1. Sustentabilidade dos Espaços Físicos das Escolas, da família e comunidade" (Castanhal, 2017), tem como objetivo de aprendizagem o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis que a pesquisa sobre alimentação se desenvolveu. Contudo, a diretriz do projeto sugere, como uma das abordagens e práticas metodológicas a criação de um jardim ou horta escolar, com sua devida manutenção. No entanto, a escola em que atuamos não permitiu a construção de uma horta em seus limites.

3. ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada com 105 crianças, sendo duas turmas do 3º ano e uma turma do 4º ano dos Anos Iniciais (identificadas como 3º A e B, e 4º A), ocorrendo por intermédio do projeto “Cidadania e Educação Ambiental” em uma escola municipal de castanhal/PA. É válido esclarecer que este texto não contempla todas as falas, escritas e desenhos dos alunos, desse modo, apresentaremos os resultados dos alunos que mais se destacaram durante a pesquisa.

A pesquisa é de cunho exploratório e adotou uma abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo exploratório, uma vez que possui "planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos" Prodanov e Freitas, (2013, p. 52). A escolha pela abordagem qualitativa foi motivada, principalmente, pela natureza social do sujeito de estudo (criança). Optamos por essa abordagem na pesquisa, uma vez que ela se direciona especialmente para esclarecer ou compreender eventos históricos, humanos e sociais, tal qual o foco deste estudo.

No seguimento da abordagem qualitativa, a pesquisa adotou a roda de conversa, registro das aulas em diário de campo, entrevista semiestruturada e contação de histórias com produção de desenhos e cartas como recursos de obtenção de dados. A inclusão da roda de conversa teve como objetivo proporcionar ao pesquisador uma inserção mais fluida na mediação da temática da alimentação e em meio aos diálogos produzidos pelas crianças. Este espaço foi concebido como um receptáculo das narrativas, falas, contos e afirmações das crianças, o qual consideramos dados valiosos para a pesquisa. Conforme destacado por Moura e Lima (2014, p. 100): “compreendemos que a roda de conversa é um instrumento de produção de dados que pode produzir relatos recheados de dados”.

Para documentar os dados obtidos na roda de conversa, optou-se por registrar as narrativas das crianças no diário de campo. A escolha desse instrumento metodológico justifica-se pelo seu caráter abrangente, permitindo não apenas a transcrição das falas, mas também o relato de detalhes e percepções observadas durante a roda de conversa (Oliveira, 2014).

Decidimos conduzir entrevistas semiestruturadas em sala de aula com cada turma, abordando as temáticas relacionadas à alimentação, no qual, o roteiro da entrevista consistia em oito perguntas. É importante esclarecer que inicialmente planejávamos realizar a entrevista completa dentro do tempo de 1h30min. No entanto, as turmas foram bastante comunicativas e participativas, com todos os alunos querendo contribuir. Com o tempo de aula se esgotando, a única maneira de finalizar a entrevista e obter respostas foi propor que os alunos desenhasssem as respostas restantes em seus cadernos.

Devido à singularidade do sujeito de estudo (criança), exercemos na prática a flexibilidade da abordagem qualitativa na pesquisa. E utilizando a liberdade proporcionada pela nossa abordagem, coletamos desenhos e cartas produzidos pelas

crianças após a contação de duas histórias: 1) Amanda no País das Vitaminas¹; 2) A Rita encolheu, e agora?.² Além disso, registramos no diário de campo as considerações feitas pelas crianças acerca das histórias contadas. Vale ressaltar que as anotações no diário de campo e os desenhos foram produzidos imediatamente após a contação de história, enquanto as cartas foram elaboradas em um momento posterior. Ademais, a pesquisa teve início com o tema "eu gosto de comer", introduzindo de forma preliminar os tópicos relacionados à alimentação nas turmas do 3º A e B, e 4º A.

Para os dados obtidos, utilizou-se a análise descritiva, no qual, comprometemo-nos a analisar os dados conforme alerta Sarmiento e Pinto (1997), sem negligenciar as vozes das crianças ou subestimar suas capacidades de atribuição de sentido. Esse enfoque nos conduziu em direção às conversações do nosso sujeito de estudo com temas diversos que as crianças expuseram durante a pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

a) “Vou desenhar uma salsicha, salsicha é saudável!”: entrevista semiestruturada.

Durante as sessões de aula, foram apresentadas duas questões da entrevista por meio de uma dinâmica de roda de conversa. Esta dinâmica possibilitou a emergência de outras perguntas que não constavam no roteiro original da entrevista, as quais foram formuladas com base nas respostas e indagações espontâneas das crianças. Para iniciar o diálogo com os alunos, foi solicitado que respondessem à seguinte pergunta: "O que vem a sua mente quando escuta a palavra ‘saudável’?"; algumas crianças se levantaram no fundo da sala e começaram a dizer bem alto:

“é se alimentar bem, comer salada e se manter hidratado”. (André, 8 anos, entrevista, 2023).

“hidratação”. (Pablo, 11 anos, entrevista, 2023).

“açai e pato no tucupi” [comidas típicas do Pará]. (Wellington, 10 anos, entrevista, 2023).

¹ A história sobre uma criança que não apreciava alimentos como frutas, legumes, arroz e feijão, preferindo apenas doces e salgados. A história prossegue quando a menina sonha que cai dentro da caixa de legumes da geladeira e não consegue sair devido à sua fraqueza causada pela alimentação inadequada. Nessa história, não faltou criatividade, pois a personagem encolheu e as frutas e legumes ganharam vida, correndo e falando.

² Nessa história, Rita, uma menina que sempre desperdiça comida, acaba ficando pequenina sem saber o que fazer. Para ajudá-la, Rita tem um *hamster* que a acompanha em todos os lugares. (na contação de história o personagem *hamster* foi substituído por um urso de pelúcia)

As falas dos alunos André e Pablo surpreenderam pela inclusão das palavras "hidratado" e "hidratação" em suas respostas. Esta observação destaca a capacidade das crianças em transcender a concepção convencional de alimentação saudável, incorporando a água como elemento fundamental para uma alimentação saudável. Ressalta-se que, frequentemente, nos conceitos convencionais de alimentação saudável, a palavra "água" e a ideia de "manter-se hidratado" não são mencionadas explicitamente.

Ao buscar referências conceituais, encontramos descrições que enfatizam características de uma alimentação saudável, destacando a ingestão equilibrada de alimentos nutritivos *in natura*, contextualizando essas práticas nos aspectos sociais, culturais e econômicos (OPAS/OMS, 2019; BRASIL, 2014). No entanto, estas referências não abordam especificamente a importância da água e da hidratação no âmbito da alimentação saudável, o que destaca a singularidade das respostas fornecidas pelas crianças em questão. Essa perspectiva mais abrangente e inclusiva apresentada pelos alunos reflete uma compreensão/saber holístico e sensível à complexidade dos elementos constitutivos de uma alimentação saudável, visto que a água é um nutriente indispensável à saúde e sua ausência no consumo causa danos ao corpo humano.

Todavia, os alunos das três turmas em geral apresentaram respostas que convergiram para concepções associadas à alimentação saudável, incluindo elementos como o consumo de saladas, vegetais, como batata e cenoura, o não consumo de alimentos considerados "besteiras", tais como doces e salgados, e a menção de pratos específicos, como pizza, batata frita, açaí e pato no tucupi. Observamos que houve uma associação recorrente entre uma alimentação saudável e a incorporação de verduras e legumes, além da exclusão de alimentos gordurosos e ricos em açúcar, conforme expresso nas respostas dos alunos.

É relevante destacar que assim como na resposta do aluno Wellington foram refletidas as peculiaridades culturais da região do Pará, local onde a pesquisa foi conduzida, com menções específicas a alimentos típicos da região, como farinha de mandioca, açaí e pato no tucupi, os quais foram identificados pelas crianças como componentes de uma alimentação saudável. Este aspecto aponta a importância de considerar a diversidade cultural e regional na compreensão dos padrões alimentares saudáveis, ou seja, práticas alimentares locais na construção desses conceitos.

Na segunda indagação, na qual questionamos "Como você diferencia um alimento saudável de outro não saudável?", as crianças apresentaram respostas concisas,

mencionando palavras isoladas como "doce", "lanche", "comida gordurosa", "fruta estragada", "bombom" e "biscoito" como alimentos não saudáveis. Santos (2013) identifica alimentos não saudáveis, caracterizando-os como produtos industrializados, gordurosos, deteriorados e processados.

“Comer doce dá diabetes, comer salgado dá...dá... esqueci a palavra” (Luciano, 8 anos, entrevista, 2023).

O aluno Luciano enriquece o diálogo ao abordar as enfermidades decorrentes do consumo excessivo de alguns desses alimentos. Essa fala vai além da simples categorização dos alimentos, estendendo-se à compreensão das implicações para a saúde, conferindo uma dimensão mais abrangente ao entendimento das crianças sobre os impactos negativos dos alimentos não saudáveis. Essa interconexão entre a categorização dos alimentos e a conscientização sobre os efeitos adversos à saúde demonstra um nível de compreensão mais profundo por parte dos alunos, sugerindo uma apreensão ampla do conceito de alimentação saudável.

Essa resposta evidencia o nível de conhecimento das crianças em relação aos alimentos não saudáveis, ao abordar de forma clara as doenças associadas ao consumo excessivo de açúcar. Se não fosse pelo esquecimento do aluno, podemos inferir que ele possivelmente completaria a frase com duas respostas potenciais: "comer salgado dá pressão alta ou colesterol", ambas representando condições de saúde que, de fato, são complexas para crianças lembrarem de forma específica. Vale ressaltar que, de acordo com a *International Diabetes Federation - IDF Diabetes Atlas (2021)*, o Brasil destaca-se como o terceiro país no mundo com maior incidência de diabetes em crianças e jovens, com 92,3 mil casos do tipo 1 na faixa etária de 0 a 19 anos, e como o sexto país no mundo em número total de pessoas com diabetes tipo 2, totalizando 15,7 milhões. E na região Norte a taxa de diabetes é de 6,3% (Muzy, 2021).

Ambas as formas de diabetes, além dos fatores genéticos, estão intrinsecamente relacionadas a padrões alimentares inadequados. Os índices de obesidade e sobrepeso no Brasil, atingindo 34,8% em meninos e 32% em meninas, com 16,6% e 11,8% classificados como obesos, respectivamente, em crianças com idade entre 5 e 9 anos, conforme dados da última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2008-2009 do IBGE (2011).

Dessa forma, à medida que se surgiram as respostas dos alunos, foi inserida na dinâmica da roda de conversa uma pergunta que não constava originalmente no roteiro:

“mas, como você sabe diferenciar que doce não é saudável?”: Doce apodrece o dente (Ágata, 8 anos). A resposta da Ágata, menciona que o consumo excessivo de doces pode ocasionar cáries nos dentes, resultando no apodrecimento destes. Tal resposta ilustra o entendimento da aluna sobre os potenciais efeitos negativos dos doces na saúde bucal. É notável que as respostas das crianças ultrapassaram as expectativas iniciais, evidenciando um conhecimento sobre alimentação e saúde.

Destacamos que as crianças não recorreram a respostas pré-fabricadas; ao invés disso, refletiram sobre as perguntas abordadas, contribuindo com seus próprios saberes de maneira autêntica. O ambiente participativo e colaborativo da roda de conversa permitiu que os alunos não apenas expressassem seus conhecimentos, mas também incentivassem uns aos outros a confirmar ou adicionar informações, ampliando assim a riqueza e a diversidade das respostas apresentadas. Esse aspecto contribui para uma compreensão dos saberes das crianças sobre o tema da alimentação saudável.

Para dinamizar a interação na roda de conversa e concretizar os dados, solicitou-se aos alunos que realizassem desenhos representando um alimento saudável e outro não saudável. Após a instrução, foram ouvidos comentários como:

“Vou desenhar uma salsicha, salsicha é saudável!” (Antônio, 9 anos, fala espontânea, (2023).

A classe respondeu em coral: “salsicha não é saudável!”, foi então que o aluno Arthur de 8 anos arregalou os olhos e disse:

“Salsicha é saudável!...eu como!” - com um forte olhar de dúvida (Arthur, 9 anos, diálogo entre as crianças, (2023)

“Skilho (salgadinho) é saudável!” (Stefani, 8 anos, diálogo entre as crianças, (2023).

“Skilho é saudável sim, se não fosse porque a gente come?” (Rilary, 8 anos, diálogo entre as crianças, (2023).

Observamos que estas crianças associam os alimentos que consomem à categoria de alimentos saudáveis. Destacam-se expressões de afirmação, dúvida e questionamento, como "se eu como é saudável!" (Arthur), e "se não fosse, por que a gente come?" (Rilary). Durante esse momento, optou-se por não intervir diretamente nos diálogos ou fornecer respostas para esclarecer as indagações das crianças. Esse momento gerou um certo desconforto na turma.

Em meio a esse ambiente de inquietação, Isabela, de 8 anos, aproximou-se da mesa e perguntou: "melancia é saudável?". Optamos por olhar para ela com a expressão

de quem não possuía a resposta, o que a levou a retornar à sua mesa, buscando soluções nos cadernos dos colegas antes de iniciar o desenho. Essa situação evidencia a curiosidade das crianças e a expectativa de obter respostas imediatas, indicando a importância do diálogo aberto e do estímulo à reflexão durante a abordagem de temas relacionados à alimentação saudável.

Conforme os diálogos entre as crianças, os desenhos foram elaborados e, ao analisá-los, notou-se que todos apresentavam alguns elementos em comum, tais como frutas, legumes e refeições completas, sendo representados como alimentos saudáveis. Por outro lado, itens como refrigerante, Todinho, bombom e pizza foram caracterizados como não saudáveis. Contudo, destaca-se o desenho do aluno Artur de Souza, de 11 anos, que retratou um hambúrguer como sendo saudável e uma maçã podre como não saudável.

Ao questionarmos Artur sobre a razão de considerar o hambúrguer saudável, ele explicou que o pão e salada são elementos que o tornavam saudável. Essa observação destaca a percepção de aluno sobre a composição dos alimentos, indicando que, quando preparados com ingredientes equilibrados, até mesmo itens tradicionalmente considerados menos saudáveis podem se tornar opções alimentares aceitáveis. Esse entendimento está alinhado com as recomendações da OMS, (2018), que enfatiza a importância do consumo adequado de diversos grupos alimentares para uma dieta equilibrada e saudável.

É relevante ressaltar que, de acordo com dados do IBGE (2020), alimentos como arroz, feijão, farinha de mandioca, mortadela e açaí são os mais consumidos na região Norte por pessoas de menor renda. Dessa forma, as respostas das crianças sobre a percepção de alimentos como salsicha ou Skilho como saudáveis ou não podem estar intrinsecamente relacionadas ao contexto socioeconômico em que vivem. Nesse contexto, é comum que se aceite os alimentos disponíveis à mesa sem questionamentos, considerando-os como saudáveis pelo simples fato de serem capazes de saciar a fome.

A região Norte enfrenta desafios significativos relacionados à insegurança alimentar, com uma taxa de 10,2% dos domicílios enfrentando restrições de acesso aos alimentos entre 2017 e 2018, afetando 508 mil domicílios, conforme dados do IBGE (2020). Diante desse cenário, as dúvidas e questionamentos levantados por cada criança sobre a natureza saudável ou não dos alimentos ganham relevância, uma vez que refletem uma discussão mais ampla sobre o conhecimento e acesso aos alimentos em um contexto de insegurança alimentar.

Observamos que, na perspectiva das crianças, o conceito de alimento saudável pode caber em uma palavra ou frase curta. No entanto, as crianças conseguiram trazer nessa simplificação, respostas compreensíveis da alimentação saudável ultrapassando o entendimento da mera ingestão de frutas ou verduras. Elas enriqueceram o debate ao incorporar a ideia de hidratação como um componente fundamental da alimentação, destacando a importância da água.

Ademais, as crianças foram capazes de abordar a necessidade de evitar o consumo de alimentos industrializados, açucarados, oleosos e salgados, demonstrando seus saberes sobre os impactos negativos desses produtos na saúde. Conseguindo correlacionar o consumo excessivo de açúcar com a ocorrência da diabetes, uma condição que tem se tornado cada vez mais comum na sociedade, inclusive entre as crianças.

b) Desenhando as refeições

Os desenhos foram solicitados como meio de resposta às seguintes questões: 1) Quais são as comidas do seu dia a dia em casa?; 2) Você acha a comida da sua casa saudável?; 3) Quais são suas comidas favoritas?; 4) Quais dos seus alimentos favoritos você considera saudável? e 5) Você acha que a comida da escola é saudável?. Diante dessas indagações, foi estabelecido um horário específico para que todas as crianças pudessem criar seus desenhos em resposta às questões propostas.

Na resposta a pergunta 1) "Quais são as comidas do seu dia a dia em casa?" as crianças organizaram suas representações em quatro refeições: café da manhã, almoço, merenda à tarde e jantar. No café da manhã, os desenhos predominavam com representações de pães e café, sendo que apenas uma criança desenhou tapioca e outra mingau.

Já no almoço, os desenhos apresentaram uma variedade de alimentos, incluindo feijão, arroz, macarrão, frango, ovos, farinha de mandioca e açaí. Entre as bebidas, o refrigerante foi comumente desenhado, com apenas um aluno representando a água. Destaca-se que, entre os 105 alunos participantes da pesquisa, uma média de 25 alunos incluíram a salada em suas representações das refeições do almoço.

A merenda da tarde revelou-se a mais diversificada, composta por bolos, salgadinhos de padaria, biscoitos recheados, iogurte, "nescal" e chopp, com poucos desenhos representando pães e nenhum retratando café ou suco de frutas. Já, para o jantar, a maioria das crianças disseram que era a mesma coisa servida no almoço. Observamos

que o café da manhã das crianças é um café comum na mesa do brasileiro sem muitas variações, já no almoço foi perceptível a falta da proteína da carne bovina e peixes, e a ausência da salada verde ou cozida. A merenda da tarde foi a que mais encheu de sorrisos nas crianças, elas falavam com orgulho que todos os dias bebiam achocolatado de caixinha e biscoitos recheados. Percebemos, então, que para muitas crianças o horário do dia que mais se consomem alimentos industrializados é no lanche da tarde.

Os desenhos de Yasmim, de 8 anos, ilustraram o jantar com pizza, lasanha, refrigerante e "Todinho", enquanto Danilo, também de 8 anos, escolheu representar biscoitos "Orion" e pizza. Ao ser questionado sobre a frequência com que consumia pizza no jantar, Danilo demonstrou dificuldades em fornecer uma resposta precisa, não mencionando outros alimentos ou refeições, reiterando apenas a pizza como sua escolha para o jantar.

Davi Luiz, de 9 anos, Vitor, de 10 anos, e Welington, de 10 anos, optaram por representar macarrão com mortadela como almoço e sopa Lámen como jantar. Ao serem indagados sobre a frequência com que consumiam sopa Lámen, relataram que a maioria das vezes era no jantar e, ocasionalmente, no almoço quando a mãe não preparava outra refeição.

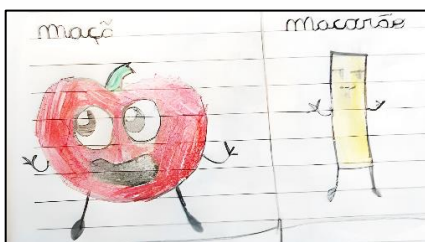
Nesses relatos, observa-se que algumas crianças mencionaram nomes específicos de marcas de alimentos industrializados, como o achocolatado "Nesca" e "Todinho", bem como o biscoito "Orion". Essa referência direta a marcas indica o impacto significativo da indústria midiática na alimentação e nas percepções das crianças sobre os alimentos. É possível que esses produtos de marcas específicas não sejam consumidos frequentemente por elas, talvez devido ao custo mais elevado desses itens no mercado. No entanto, a marca em si prevalece na comunicação das crianças, destacando a influência da publicidade e do marketing na formação de suas preferências alimentares.

De acordo com Souza e Cadete, (2017) as propagandas veiculadas nos meios de comunicação são adaptadas de acordo com o público-alvo, assim os anunciantes empregam estratégias mercadológicas em diversos formatos visando alcançar um amplo espectro de pessoas. Conforme destacado pelo autor, as empresas de fast food, por exemplo, utilizam brindes, narrativas e personagens para se conectar com o público infantil, enquanto para os adultos enfatizam informações relacionadas a preços, preferências e tamanhos. Esses elementos exercem influência na formação dos hábitos alimentares.

Notamos também, a presença da sopa ultraprocessada Lamém, que muitas das vezes se mostra como uma alternativa de alimento prática no dia a dia das crianças. Segundo alguns relatos das crianças a sopa “é gostosa, mas faz mal não sei porque” – Vitor, 11 anos. De maneira geral, os produtos alimentícios promovidos nos meios de comunicação são amplamente aceitos devido à sua atratividade e sabor; entretanto, é importante ressaltar que, em sua maioria, esses alimentos são classificados como ultra processados. Ueda, *et al.* (2010) acrescenta que, as refeições pré-prontas e prontas disponibilizadas pela indústria alimentícia oferecem aos consumidores uma ingestão significativa de açúcares, gorduras, elevados níveis de sódio, corantes, entre outros, desprovidos de valor nutricional. Como resultado, tais alimentos não atendem às necessidades diárias de vitaminas, tornando os consumidores mais suscetíveis ao desenvolvimento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs).

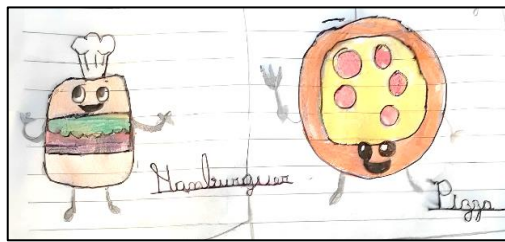
Na pergunta (3) sobre suas comidas preferidas, as crianças demonstraram entusiasmo e não hesitaram em desenhar alimentos como hambúrguer, pizza, sorvete, lasanha, refrigerante, chocolate, além de uma variedade de doces e sucos de caixinha. Alguns desenhos também incluíram representações de frutas, evidenciando uma mistura de escolhas alimentares que abrangem tanto alimentos considerados menos saudáveis quanto opções mais saudáveis. Segue abaixo os desenhos de alguns alunos:

Desenho 1 – Alimentos Preferidos



Fonte: Desenho do aluno Marcos William, (2023).

Desenho 2 – Alimentos Preferidos



Fonte: Desenho do aluno Marcos William, (2023).

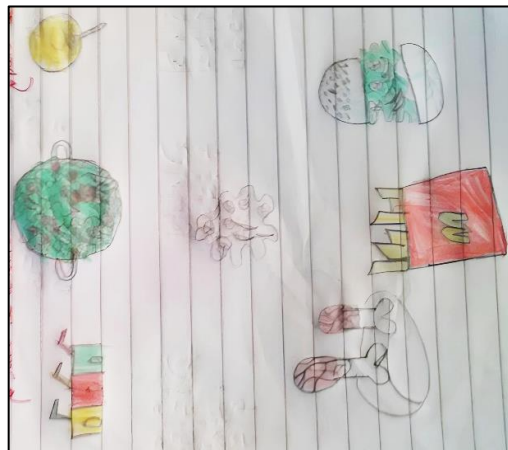
É interessante notar que alguns desenhos apresentaram batatas fritas da McDonald's, o que sugere que as crianças associam esses alimentos a momentos prazerosos e de satisfação. Essa representação reflete a influência da cultura alimentar e das experiências vividas pelas crianças, no qual alimentos de fast food podem estar conectados a ocasiões especiais e positivas em suas vidas.

Desenho 3 – Alimentos Preferidos



Fonte: Desenho da aluna Eduarda, 2023.

Desenho 4 – Alimentos Preferidos



Fonte: Desenho da aluna Luiza, 2023.

Para a pergunta (2), ao questionarmos as crianças sobre a natureza saudável dos alimentos consumidos em seus lares, observamos afirmações positivas. Todavia, ao indagar se as suas preferências alimentares eram saudáveis (pergunta 4), verificou-se uma diversidade de respostas controversas. Os discentes pertencentes ao 3º A e B manifestaram certo grau de indecisão, apresentando opiniões divergentes, variando entre a afirmativa e a negativa. Algumas crianças afirmaram a qualidade de suas preferências, enquanto outras expressaram o contrário, resultando em debates internos nos quais alguns procuraram corrigir as percepções uns dos outros quanto à saudabilidade dos alimentos.

Por outro lado, na turma do 4º A, alguns discentes afirmaram que suas comidas prediletas possuíam características mais saudáveis. Contrastando com essa minoria, os demais membros da turma reconheceram que suas preferências alimentares não se enquadravam nos padrões de saúde desejados. Alguns alunos demonstraram respostas negativas por meio de gestos como baixar a cabeça e balançar em sinal de negação, revelando um olhar entristecido.

Por último, mas não menos importante, abordamos o tema do lanche escolar (pergunta 5). As crianças compartilharam que, geralmente, o lanche inclui biscoitos doces ou salgados, suco de fruta, café com pão, sopa, refeição completa com salada ou fruta, açaí, mingau, entre outras opções. Novamente, perguntamos se consideravam esses lanches saudáveis. As crianças afirmaram que sim, destacando que eram até mais saudáveis do que os lanches consumidos em casa. As crianças observaram que os biscoitos fornecidos na escola não eram saudáveis devido ao seu caráter industrializado e alto teor de açúcar.

Segundo a pesquisa de Gomes *et al.* (2010) a quantidade de açúcares e gorduras presente nos biscoitos fica entre 22,4% a 32,0%. E de acordo com Aued-Pimentel (2003) os biscoitos possuem cerca de 3% de gordura trans e a OMS recomenda uma ingestão diária de gordura trans menor que 1% (BRASIL, 2005).

No entanto, ao indagarmos sobre a potencial saudabilidade da comida preferida em comparação ao lanche escolar, emergiram respostas discrepantes durante o diálogo em grupo. Alguns estudantes sustentaram a ideia de que a comida preferida era mais saudável, fundamentando tal argumento na premissa de que "a comida preferida é mais gostosa" Vitor, 11 anos. Tal inferência sugere que, para as crianças, a preferência alimentar está intrinsecamente vinculada a uma experiência sensorial gustativa, implicando, por conseguinte, interferindo na percepção de maior benefício à saúde em relação às alternativas disponibilizadas na merenda escolar.

Valorizamos o fato de que, ao longo da dinâmica da roda de conversa e da atividade de desenho, as crianças modificaram suas expressões, ajustando suas percepções com base nas contribuições dos colegas no que diz respeito à definição de alimentos saudáveis. Observamos um aprimoramento progressivo no entendimento sobre a temática, refletido na capacidade das crianças de analisar adequadamente o que era considerado saudável ou não em seus desenhos.

Esse processo evidenciou uma habilidade de compreensão e de reelaboração do tema proposto, indicando uma disposição das crianças para assimilar novas informações e conceitos, bem como para reformular seus próprios saberes em conformidade com as informações coletivamente construídas.

c) Livro Amanda no país das vitaminas: desenhos e cartas

A história infantil "Amanda no país das vitaminas", foi contada da mesma maneira para as três turmas pesquisadas. Após a contação da história, foi realizada uma breve roda de conversa para discutir o que as crianças acharam da história e o que fariam para solucionar o caso de Amanda, que não se alimentava corretamente. Finalizamos a atividade com a produção de desenhos, nos quais as crianças deveriam destacar a parte da história que mais as chamou a atenção.

Durante a roda de conversa, as crianças soltaram suas indagações, dúvidas e afirmações. Dizendo que não seria possível a história na realidade, pois frutas e legumes não falam e crianças não podem diminuir de tamanho de uma hora para outra. No entanto,

tranquilizaram-se ao reconhecer que tudo se tratava apenas de um sonho da Amanda. Neste diálogo com as crianças podemos perceber que elas não estavam acostumadas a ouvir histórias infantis, pois suas dúvidas mais pareciam com silenciados gritos de “quero ouvir mais”. Mesmo com os olhos brilhantes, a vergonha de dizer que gostaram de uma história tão infantil foi notável nas três turmas.

Chegamos então, no ponto do diálogo onde as três turmas apresentaram repostas semelhantes para fazer a Amanda se alimentar bem. Apontaram como solução a violência alimentar. Onde a mãe da Amanda deveria ter a agredido fisicamente na hora das refeições, colocando-a de castigo, negado os brinquedos e não dando doces ou chocolate à menina.

“Era só ter pegado a chinela e dá uma chinelada nela” (Pablo, 9 anos, roda de conversa pós contação de história, 2023).

“Só a mãe dela bater nela” (Arthur, 11 anos, roda de conversa pós contação de história, 2023).

“Deixa ela de castigo” (Noemi, 10 anos, roda de conversa pós contação de história, 2023).

“Se fosse minha mãe tinha dado um tapa na cara” (Pablo, 11 anos, roda de conversa pós contação de história, 2023).

“Só a mãe dela deixar ela com fome” (Ágata, 8 anos, roda de conversa pós contação de história, 2023).

As respostas das três turmas apresentaram semelhanças; não havia meio-termo, não surgiu uma alternativa diferente. A violência parecia ser a resposta mais clara e eficaz para o caso da personagem Amanda. Para Musher-Eizenman e Holub (2007) a violência alimentar como o uso negativo do alimentos, como controle das emoções, recompensa, restrições e pressão para comer. Essas práticas estão diretamente relacionadas à educação alimentar parental, ou seja, os pais utilizam o alimento como “moeda de troca” com a criança. Muitas vezes essa prática pode interferir nos sentimentos das crianças, quando os pais têm o intuito inibir o choro e/ou controlar as ações das crianças. E a partir das respostas dos alunos, observamos que essas práticas podem ser uma realidade em suas experiências durante as refeições.

Mais uma vez, na posição de professora e mediadora da conversa, não intervenho nos diálogos das crianças ou aponto alguma resposta como certa ou errada. Apenas levanto mais reflexões para as crianças, questionando-as se esse era o modo mais adequado de lidar com a situação e se reproduziriam a violência alimentar com seus filhos. Essas perguntas deixaram as crianças em silêncio por um bom tempo. Elas baixaram a cabeça, desenharam em silêncio, conversaram em voz baixa uns com os outros

e não deram uma resposta imediata. Interpretamos o silêncio das crianças como um momento reflexivo, indicando que o conhecimento está sendo formulado em suas mentes. Tais respostas ou outros questionamentos podem surgir em outro momento, talvez não na sala de aula, mas em seu dia a dia, nas situações cotidianas. Plantamos a semente do questionamento sobre a correção de tais atitudes: "Será que fazer isso é correto?" ou "Eu quero continuar fazendo isso?"

A história de "Amanda no país das vitaminas" não parou por aí. Agora, vamos aos desenhos que as crianças produziram a partir da história contada. A aluna Carla de 10 anos, elaborou um pequeno texto contando a história da Amanda, já a aluna Lívia de 8 anos, narrou a história em formato de quadrinho. Segue abaixo alguns desenhos dos alunos:

Desenho 5 – Amanda no país das vitaminas



Fonte: Desenho da aluna Carla Evelyn, (2023).

Desenho 6 – Amanda no país das vitaminas



Fonte: Desenho da aluna Lívia, (2023).

O desenho da Carla Evelyn revela o quanto as crianças estão atentas quando se conta uma história. A aluna incluiu em seu texto palavras como corantes, conservantes e produtos químicos. Essas palavras estavam presentes na história da Amanda. Enquanto Lívia desenhava as partes da história que mais achou interessante e as reproduziu em formato de quadrinhos.

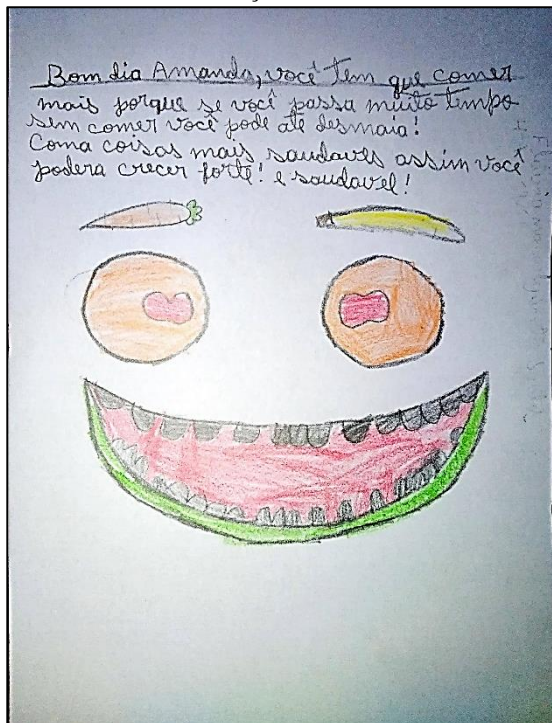
De acordo com Balça (2010, p. 48) "(...) a literatura infantil encerra, para além de uma função lúdica e de uma função estética, uma função formativa, e neste sentido pode auxiliar as crianças a compreenderem e aceitarem o outro". Essa conexão entre a história contada e as palavras escolhidas pela aluna evidencia a capacidade da literatura infantil de desempenhar uma função formativa, contribuindo para a compreensão das crianças.

Noutro momento foi proposto às crianças 4º A que produzissem uma pequena carta ou recado para Amanda. Essa atividade visava abordar a questão da violência alimentar, buscando uma abordagem mais suave e afastando-se das falas violentas que sugeriam o uso da violência para fazê-la comer.

Inicialmente, as crianças ficaram surpresas com a proposta e alegraram que não estavam conseguindo escrever nada. Então, busquei detalhar ainda mais o comando inicial: "pensem na história da Amanda, agora pensem no que você diria a ela para ajudá-la a se alimentar melhor. Primeiro, temos que parar e pensar; depois, escrever". Reforçado o comando, as crianças ficaram em silêncio e se propuseram a pensar. A sala ficou silenciosa por alguns minutos, e então as perguntas começaram a surgir: "Eu posso desenhar em vez de escrever?" "Eu posso escrever e desenhar para Amanda?" A sala

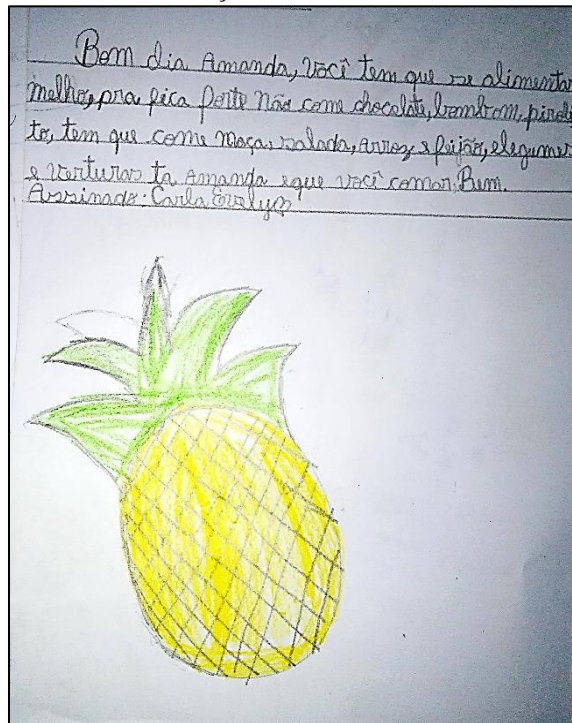
ganhou vozes novamente, e as crianças começaram a conversar e trocar ideias. Segue abaixo alguns desenhos dos alunos:

Desenho 7 – Produção de Cartas e Recados



Fonte: Desenho da aluna Flávia, (2023).

Desenho 8 – Produção de Cartas e Recados



Fonte: Desenho da aluna Eduarda, 2023.

Nas cartas, as crianças conseguiram se afastar das falas de violência. Elas foram cordiais, iniciando com "bom dia" e prosseguindo com dicas para melhorar a alimentação da Amanda. Em outras cartas as crianças também bordaram a importância da atividade física e ressaltaram que, com uma boa alimentação a personagem da história não ficaria doente e poderia brincar. Essa atividade reflete o entendimento e os saberes das crianças sobre a importância de desenvolver hábitos alimentares saudáveis, o cuidado com o corpo e uma fala de incentivo sobre a alimentação sem a necessidade do reforçamento de ações de violência alimentar.

d) Livro a Rita encolheu, e agora?

Após a contação da história "A Rita encolheu, e agora?", os olhares curiosos das crianças foram expressivos, ficaram comentando sobre a parte cômica do encolhimento da Rita. No entanto, ao questioná-las sobre se haviam compreendido o motivo de a personagem Rita ter ficado pequena, ficou claro que o que mais chamou a atenção não

foi o tema principal do desperdício de alimentos, mas sim o aspecto lúdico e imaginário da Rita ter ficado pequena e conversado com um urso de pelúcia. Para não perder o foco, expliquei-lhes o motivo pelo qual Rita encolheu. Após essa compreensão, indaguei as crianças sobre o desperdício de alimentos em suas casas e durante o lanche escolar. As crianças responderam com olhares culposos, dizendo: "eu nãããooo!", e indicaram que normalmente quem faz isso em suas casas são seus irmãos mais novos e bebês.

Durante o diálogo, as crianças começaram a relacionar o desperdício com a realidade escolar, mencionando que muitas deixam a merenda pela metade nas mesas da cantina, além de pratos e copos com restos de comida espalhados pelos corredores da escola. Farias e Rubio (2012) afirmam que, quando uma criança é exposta ao mundo de fantasia e imaginação, isso proporciona a ela a organização de hipóteses para a resolução e a vinculação com suas experiências no cotidiano. Elas também relataram que há alunos que, além de estragar o alimento escolar, extraviam os pratos, colheres e copos, jogando-os no telhado ou para fora do muro escolar. Além disso, as crianças trouxeram à tona a questão das crianças carentes, “moradores” de rua e pessoas em situação de pobreza extrema que não têm o que comer. Elas ressaltaram a importância de não desperdiçar alimentos, uma vez que muitos não têm acesso a comida no dia a dia.

As crianças relacionaram a história com o desperdício de alimentos, abordando aspectos da realidade e temas de cunho político e social, como é o caso das pessoas em situação de rua. De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania - MDHC, (2023) mais de 236 mil pessoas vivem nas ruas das cidades brasileiras. As crianças mostram em suas falas que seus saberes sobre o tema da alimentação não se limitam ao que é ensinado na escola, trazendo argumentos do dia a dia e/ou até mesmo possíveis cenas que podem ter presenciado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço da pesquisa permitiu que as crianças compartilhassem suas experiências, reflexões e preocupações e saberes relacionadas ao tema. Devido a pesquisa foi conduzida sem isolar os alunos das turmas, ou seja, evitando retirá-los de seu ambiente ou organizá-los em pequenos grupos, isso possibilitou uma coleta de dados mais espontânea e segura dos alunos.

Durante a pesquisa concluímos que as crianças apresentaram seus saberes sobre alimentação correlacionando informações que foram adquiridas no contexto escolar com suas vivências pessoais e com os diálogos estabelecidos entre os próprios alunos durante a pesquisa, como a fala sobre a água e as questões dos alimentos saudáveis. Em seus diálogos, observamos os aspectos da influência da indústria alimentícia nas falas das crianças quando elas indicam os nomes das marcas dos produtos que consomem como, Todinho, Orion e outros.

As falas das crianças também apontaram certas evidências da normatização de falas violentas durante as refeições, ao alegarem que para Amanda (personagem da história 1) se alimentar bem, sua mãe deveria se utilizar da agressão física ou negação do alimento. Além disso as crianças relacionaram os alimentos regionais aos alimentos saudáveis, demonstrando que cultural regional também contribui para o desenvolvimento dos saberes e falas infantis sobre a alimentação.

Os leitores poderiam apresentar dúvidas sobre os resultados obtidos, questionando se os saberes apresentados pelos alunos não passam de uma mera reprodução de falas e informações que os alunos tiveram prévio acesso. Entretanto a Sociologia da Infância nos esclarece que as crianças ao receberem informações, além de assimilá-las, elas incorporam as informações para si, formulando seus próprios saberes e subjetividades, além de validar o saber da criança ao enfatizar que seus direitos e falas devem ser levadas em consideração sem o afligimento dos adultos.

Subscrevemos que este trabalho alcançou o objetivo de fornecer visibilidade aos saberes das crianças, ao retratar suas falas, escritas e desenhos sem o peso adultocêntrico e julgador do adulto. Concordamos que nos deleitamos nos resultados obtidos e contemplamos os saberes das crianças.

No entanto, é crucial reconhecer que este trabalho pode ser aprimorado continuamente, podendo aprofundar as futuras pesquisas com crianças com mais veemência com uma das vertentes investigativas da Sociologia da Infância. Por fim, esperamos que para os leitores, as vozes e saberes das crianças tenham sido o que verdadeiramente mais encantou neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- AUED-PIMENTEL, Sabria; CARUSO, Miriam S.F.; CRUZ, José M.M.; KUMAGAI, Edna E.; CORRÊA, Daniela U. O. Ácidos graxos saturados versus ácidos graxos trans em biscoitos. *Rev Instituto Adolfo Lutz*, v. 62, n. 2, p. 131-137, 2003
- BALÇA, Ângela. **Representações de alteridade na literatura infantil**. 2010.
- BRASIL. [Constituição 1(988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei 9795/99, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial**. Brasília, DF. 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar para a população brasileira**. Série A. Normas e Padrões Técnicos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Alimentação da população brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001.
- BRASIL. Ministério da Previdência Social. **MDHC lança relatório sobre pessoas em situação de rua no Brasil**; estudo indica que 1 em cada mil brasileiros não tem moradia. Brasília, DF: Ministério da Previdência Social, 2023.
- Instituto da Criança com Diabetes (Brasil). **Diabetes no Brasil e no Mundo**. 2021. Disponível em: <<https://icdrs.org.br/dados-de-diabetes/#>> Acesso em: 29 de nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.
- CASTANHAL (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Políticas e Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Castanhal**. Castanhal: Secretaria Municipal de Educação, 2017.
- CARDOSO, Leonardo Mendes. **Amanda No País Das Vitaminas**. Editora do Brasil– 2º Ed. 2016.
- CORSARO, William A. **We're friends right? Inside kid's culture**. Washington, United States. Joseph Henry Press, 2003a.
- CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda. CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, p. 31-50, 2009b.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. 2ª ed. Porto- Alegre: Artmed, 2011c.

FARIAS, Francly Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. Volume 3. nº 1, 2012.

GOMES, Vivianne Magalhães; DOS SANTOS, Mischelle Paiva; DE LEMOS FREITAS, Suzana Maria. Análise de açúcares e gorduras de recheios em biscoitos recheados sabor chocolate. **CERES: Nutrição & Saúde (Título não-corrente)**, v. 5, n. 1, p. 19-25, 2010.

HUGON, Marta; GONÇALVES, António Jorge. **A Rita encolheu, e agora?**. - 3ª ed. – Loulé. 2016. Coleção Zero desperdício. - ISBN 978-989-724-192-5

IBGE. **Pesquisa do Orçamento Familiar**. 2008-2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/pofanalise_2008_2009.pdf> Acesso em: 20 de nov. 2023

IBGE. **POF 2017-2018**: brasileiro ainda mantém dieta à base de arroz e feijão, mas consumo de frutas e legumes é abaixo do esperado. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28646-pof-2017-2018-brasileiro-ainda-mantem-dieta-a-base-de-arroz-e-feijao-mas-consumo-de-frutas-e-legumes-e-abaixo-do-esperado>> Acesso em: 20 de nov. 2023.

IBGE. **POF 2017-2018**: 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>> Acesso em: 17 de nov. 2023.

MACHADO, Edneia Maria Azevedo; BROSTOLIN, Marta Regina. **Criança E Infância Na Perspectiva Da Sociologia Da Infância E Os Entrelaçamentos Com A Educação Infantil**. In: CARVALHO, Janaína Nogueira Maia, et al (Orgs). A sociologia da infância: possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância (s). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022. p. 41-57.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

MUSHER-EIZENMAN, Dara; HOLUB, Shayla. Comprehensive feeding practices questionnaire: validation of a new measure of parental feeding practices. **Journal of pediatric psychology**, v. 32, n. 8, p. 960-972, 2007.

MUZY, Jéssica et al. Prevalência de diabetes mellitus e suas complicações e caracterização das lacunas na atenção à saúde a partir da triangulação de pesquisas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00076120, 2021.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (ENTRE) LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (Auto) biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

Organização Mundial da Saúde. **Alimentação saudável**. Genebra: OMS, 2018. ONU - Organização das Nações Unidas. Disponível em: <<https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/healthy-diet>> Acesso em: 28 de nov. 2023.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Alimentação saudável**. Brasília, D.F: Organização Pan-Americana da Saúde; 2019. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/alimentacao-saudavel>> Acesso em: 28 de nov. 2023.

CASTANHAL (Município). Secretaria Municipal de Administração. **Portaria 022/2018-GS/SEMED/PMC** [Revoga a portaria 005/2018 - GS/SEMED/PMC e regulamenta o cumprimento da hora atividade dos docentes da rede municipal de ensino e dá outras providências]. Diário Oficial de Castanhal-PA, Secretaria Municipal de Administração. Edição nº 633. 24 de janeiro de 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

PROUT, Alan; JAMES, Allison. A new paradigm for the sociology of childhood?: Provenance, promise and problems. In: **Constructing and reconstructing childhood**. Routledge, 2015. p. 6-28.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol.36, nº02, p.631-643, 2010.

SANTOS, Raul D. et al. I Diretriz sobre o consumo de gorduras e saúde cardiovascular. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 100, p. 1-40, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto; Pinto, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**, (1997a). in M. PINTO E M. J. SARMENTO (Coord.), **As crianças: Contextos e identidades**. (9-30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004b.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.26, nº 91, p.361-378, 2005c.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: Correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto. GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (orgs). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008d.

SOUZA, A.A.; CADETE, M.M.M. O papel das famílias e da escola na formação de hábitos alimentares saudáveis de crianças escolares. **Revista Pedagógica**, Chapecó, SC. v. 19, n. 40, p. 136-154, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i40.374>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** A pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UEDA, Marcia Hiroko; PORTO, Rafael Barreiros; VASCONCELOS, Láercia Abreu. Publicidade de alimentos e escolhas alimentares de crianças. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, p. 53-61, 2014.